

ESTÉTICA NO ROMANCE O “RETRATO DE DORIAN GRAY”: CONSIDERAÇÕES DE UMA PESQUISADORA DO SÉCULO XXI

Natasha Santos
Riqueldi Straub Lise
André Mendes Capraro

RESUMO

O presente texto busca mostrar a representação da beleza em “O Retrato de Dorian Gray”, de Oscar Wilde, utilizando-se dessa obra como fonte histórica junto a uma revisão bibliográfica que sustente a análise da fonte em questão.

Palavras-chave: Corpo. “O Retrato de Dorian Gray”. Estética. Análise Literária.

ABSTRACT

The present text aims to show the representation of the beauty in “The Picture of Dorian Gray”, written by Wilde Oscar, using this book as a historical source next to a bibliographical revision that supports the analysis of the source in question.

Key-words: Body. “The Picture of Dorian Gray”. Aesthetic. Literary Analysis.

RESUMEN

Este texto intenta mostrar la representación de la belleza en "El Retrato de Dorian Gray", de Oscar Wilde, con este libro como fuente histórica con una revisión de la literatura para apoyar el análisis de la fuente en cuestión.

Palabras clave: Cuerpo. "El Retrato de Dorian Gray". Estética. Análisis Literario.

Dorian Gray: um jovem de classe alta e desocupado, de beleza quase sobrenatural. Ao receber de presente um retrato seu, feito pelo amigo pintor, Basil Hallward (para quem costumava posar), fica extasiado diante de sua inacreditável beleza e lamenta apenas o fato de envelhecer, não mantendo, portanto, aquela bela aparência pela eternidade. Seu desejo foi misteriosamente atendido e, a cada atitude imoral, bem como a cada dia passado, o retrato envelhecia e assumia expressões no lugar de Dorian, o qual permanecia jovem e belo, destituído de alma, ao passo que, praticamente, imortal. O personagem principal é, agora, o retrato, cujo aspecto sofre os reflexos das atitudes de Dorian, que trocou a alma pela juventude duradoura.

Essa é a essência do romance de Oscar Wilde – e principal fonte desta pesquisa – intitulado *O retrato de Dorian Gray*.

A obra – condizente aos parâmetros do século XIX – gira o redor da questão estética e, por que não dizer, dos estereótipos associados a esta, correspondentes, obviamente, ao período em foco.

O culto à imagem é uma característica marcante do homem moderno regida por padrões mundialmente pré-estabelecidos para o que vem (ou não) a ser belo. Isto é, busca-se incessantemente o “corpo ideal” sob a perspectiva incondicional da beleza, da jovialidade, enfim, da aparência em si. Tal qual expressa o tão rememorado poema de

Vinicius de Moraes, intitulado “Receita de mulher” – em que o autor descreve o modelo perfeito de corpo feminino –, que se inicia com o verso “as muito feias que me desculpem, mas beleza é fundamental”¹, sendo esta capaz de causar noções de sentimento. Princípios. Significado.

Essa preocupação em sentir e interpretar o belo, como diz Novaes (2001), estabeleceu uma área de estudo – a estética –, nascida como um discurso sobre a arte, em um contexto geral e, posteriormente, sobre o corpo. Sendo assim, como um campo de análise, a estética passa a ser fundamental na compreensão da cultura do corpo, uma vez que este é o responsável por todas as manifestações de desejo e verdade que pode ser alcançada pelo ser humano. Tendo em vista essa importância direcionada à imagem em si, tem-se o ponto de partida para a compreensão do porquê de alguns indivíduos atribuírem um valor inconsequente ao “corpo ideal”, pré-determinado pelos ditadores da moda (*top models*, atores e afins, venerados pela sociedade como um todo) e reafirmado pela mídia; “(...) Eles seguem os ideais de Beleza propostos pelo consumo comercial (...)” (ECO, 2004, p.418).

Voltemos ao século XIX (período em que a obra foi escrita e em que o enredo se desenvolve) também chamado de Era Vitoriana, um dos períodos áureos da Inglaterra, em que prevaleciam convenções moralistas e sociais. A religião, como sempre, era tratada com seriedade e vivia-se uma fase de pessimismo, por parte dos autores e artistas, diante dos efeitos sociais e psicológicos da Revolução Industrial, frente ao processo de industrialização, prolongado ao longo desse século (HOBSBAWM, 2001).

Quanto às artes, não há como deixar de citar uma suposta função de consumo, tendo em vista que alguns artistas tentavam se sustentar por meio de suas produções, graças ao crescimento da imprensa – com suas publicações ilustradas – e os bens de consumo desenhados pelos artistas-artesãos. Passou-se o movimento, originalmente inglês, chamado dandismo que, de acordo com Umberto Eco (2004), seria o fato de o amor pela beleza e pela excepcionalidade se manifestarem como costume, na prática da vida. Esse “manifestar como costume” se refere aos dois sentidos da expressão: tanto à indumentária quanto à prática da vida. Seria como um culto à própria vida, afim de “modelá-la” como a uma obra de arte, visando à beleza.

Nesse sentido, questiona-se: como é representada a beleza em *O Retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde?

Para tal, *O Retrato de Dorian Gray* como fonte histórica e será realizada uma revisão bibliográfica a fim de sustentar a análise da fonte em questão. Ao analisar as questões morais e estéticas, relacionando-as com os preceitos éticos e, sobretudo, de beleza apresentados na obra em questão, é possível compreender o aspecto da cultura estética corporal, sob uma ótica filosófica e histórica, fugindo da quase exclusiva visão prática, apoiando-se na polêmica estabelecida por Wilde de que quanto maior a beleza, menores os valores morais.

II

Pautando-se na teoria de Antonio Candido (2000), a história de um livro pode, por vezes, confundir-se à realidade em que se está inserido, ao somar texto e contexto, já que o primeiro, segundo Candido (2000), é um “(...) elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno” e fornecendo

¹ Disponível em: <<http://www.viniciusdemoraes.com.br>>. Acesso em: 03 mar. 2009.

dados para a análise de sua sociedade. Nesse sentido, é necessário levar em consideração o contexto em que o autor está inserido para só então realizar, de forma coerente, a análise da obra.

Neste caso, a forte inclinação de Oscar Wilde ao dandismo que pode ser entendido como uma controvérsia aos valores da época, só lhe foi permitida em virtude do seu pertencimento à burguesia, que lhe possibilitava tal comportamento. Mesmo que não haja menção de que seu livro e sua vida se resumam ao mesmo assunto, existe a possibilidade de associar a obra em pauta a uma autobiografia de Wilde, edificada por meio de Dorian Gray – tendo em vista, essencialmente, a posição social de ambos e suas supostas ambições.

É a partir da ascensão da burguesia que se estabelece uma ideologia que “determina e condiciona a cultura do corpo nesta nossa era tecnológica”, características que vêm se concretizando desde o processo de Revolução Industrial (MEDINA, 1996).

Assim, impõe-se demasiada importância à estética corporal, já que é intimamente relacionada a qualidades, como se encontra claramente na obra de Oscar Wilde:

Mas a beleza, a verdadeira beleza, acaba onde principia a expressão inteligente. A inteligência em si é uma espécie de exagero; desmancha a harmonia de qualquer rosto. A partir do instante em que nos metemos a pensar, vamos ficando só olhos, ou só testa, ou qualquer outro horror (WILDE, 1999, p.16).

Isto é, parte-se do pressuposto de que a beleza, via de regra, estaria intimamente relacionada à ausência do pensamento crítico, tendo em vista que aos “belos” caberia um papel “artístico”, de observação e admiração por parte dos demais indivíduos.

A beleza não atribui apenas o posicionamento de admiração, mas também acaba por ser relacionada a qualidades psicológicas como bondade, meiguice, caráter! Isso é retratado ao longo da trama, em que o narcisismo de Dorian Gray o torna desumano e perverso; uma mudança comportamental estabelecida após um livro que o jovem recebeu de Henry Wotton – o qual conheceu Dorian por meio de Hallward (WILDE, 1999, p.26 e p.111).

Manipulado, quiçá apenas estimulado, por lorde Henry (ou pelo livro), Dorian se transforma em um homem autodestrutivo, preso a um retrato que mostra o seu verdadeiro rosto, bem como a sua verdadeira alma. Solitário e assassino, Dorian Gray não se amargura por seus crimes – como a morte de seu grande amigo Basil Hallward – em nome da beleza, que não lhe permite a confissão:

Não raro, voltando de uma das ausências prolongadas e misteriosas, que originavam as mais disparatadas conjeturas entre os que eram ou se consideravam seus amigos, Dorian Gray esgueirava-se escada acima, abria a porta cuja chave nunca o abandonava e sentava-se, com um espelho na mão, diante do retrato pintado por Basil Hallward. O seu olhar corria então da fisionomia envelhecida e depravada da tela ao rosto jovem e atraente que lhe sorria no espelho. A própria violência do contraste servia-lhe para estimular o seu sentimento de prazer (WILDE, 1999, p.112).

A passagem nos mostra a ingenuidade como parte da beleza, tendo em vista que a “fisionomia envelhecida e depravada” do retrato se dá, obviamente, devido ao tempo, mas, sobretudo, à total ausência de escrúpulos de Dorian Gray, refletida na efígie. Em

contraponto a essa monstruosa aparência está a vaidade em apreciar a beleza, isto é, o prazer proporcionado pelo antagonismo entre a pintura (que assume um quê de verdade) e a, até então, indestrutível beleza de Gray. Esse prazer se faz maior do que a própria consciência, quer dizer, aqui, a questão moral é negligenciada em função da estética, tendo em vista que esta justificaria toda e qualquer atitude incompatível aos valores éticos.

III

Partindo-se da análise da obra de Oscar Wilde, e a partir das considerações tecidas acerca da importância do corpo, tanto no que diz respeito à expressão individual, quanto no tangente à padronização de um modelo corporal específico, pode-se inferir uma relação de estética e moral, representada pela arte, típica da sociedade industrial em ascensão – período compatível à trama.

O Retrato de Dorian Gray evidencia uma série de estereótipos relacionados à beleza ou, é claro, à sua ausência, como por exemplo, a suposta ingenuidade que se faz inerente ao belo ou o “fato” de os maus serem feios e velhos. Consequentemente, pode-se relacionar a tais paradigmas a exacerbada importância do corpo, da imagem em si sobre todos os princípios éticos e morais, a ponto de justificar atitudes corrompidas.

REFERÊNCIAS

- BAYER, Raymond. *História da estética*. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 8ª ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000; Publifolha, 2000.
- CÉRON, Ileana Pradilha; REIS, Paulo (Org.). *Kant: crítica e estética na modernidade*. São Paulo: Editora SENAC, 1999.
- DUARTE JUNIOR, João Francisco. *O que é beleza: (experiência estética)*. 3ª Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.
- EAGLETON, 1993, citado por NOVAES, Jefferson. *Estética: o corpo na academia*. Rio de Janeiro: Shape, 2001.
- ECO, Umberto. *História da Beleza*. São Paulo: Editora Record, 2004.
- HOBSBAWM, E. J. *A Era dos Impérios: 1875 - 1914*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- MEDINA, João Paulo Subirá. *A Educação Física cuida do corpo e... “Mente”*. 14ª Ed. Campinas: Papyrus, 1996.
- NOVAES, Jefferson. *Estética: o corpo na academia*. Rio de Janeiro: Shape, 2001.
- WILDE, Oscar. *O Retrato de Dorian Gray*. São Paulo: Editora Martin Claret, 1999.

Natasha Santos

Endereço: Rua Manoel Ricardo de Oliveira, nº48. Cep: 81920-550. Sítio Cercado – Curitiba/PR.

E-mail: natashas@click21.com.br

(Apresentação pôster).